

AS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UM CURSO DE LETRAS-INGLÊS A DISTÂNCIA*

Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite- Universidade Federal de Minas Gerais/

Universidade de São João del-Rei (UFMG/UFSJ)

RESUMO: Esse artigo apresenta as experiências de cinco estudantes do quarto período do curso de Letras-inglês a distância da Universidade Federal de Lavras/ Minas Gerais. O objetivo do mesmo é analisar as narrativas escritas decorrentes da pergunta: Quais são as experiências positivas e negativas em relação ao seu curso de Letras-inglês? (frustrações; aprendizagem; dificuldades; sucessos; sentimentos; perspectivas atuais; perspectivas futuras; motivação...) e perceber qual das experiências é a mais recorrente. O estudo tem seu marco teórico no *framework* de experiências de aprendizagem de estudantes em contexto digital (MICCOLI & FERREIRA, 2012). Os resultados nos mostram que as experiências afetivas positivas predominam em relação às negativas. Assim, a visão, seja da língua inglesa, ou do curso em si, mostra-se bastante favorável.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências. Letras-inglês a Distância. Experiências Afetivas.

INTRODUÇÃO

As pesquisas cujo tema investigado é o das experiências, sejam elas de alunos ou professores, têm presença marcada na área de Linguística Aplicada há mais de 15 anos (PORTO, 2003; ARAGÃO, 2007; LIMA, 2009; BAMBIRRA, 2009 para citar algumas). O trabalho de Miccoli, realizado em 1997, no entanto, representa “o primeiro momento de registro do papel das experiências, que evolui para uma categorização das experiências em sala de aula (MICCOLI, 2007b) e, posteriormente, para a elaboração do *framework* de experiências (MICCOLI, 2010)” de acordo com Ferreira (2012, p.33).

Todavia, apesar de várias pesquisas científicas acerca das experiências terem sido amplamente publicadas, a dissertação de Mestrado de Ferreira (2012) foi a pioneira na investigação das experiências de aprendizagem no meio virtual, segundo a própria autora nos relata. Ela, inclusive, amplia o *framework* de Miccoli (2010) para tratar de modo mais específico do contexto digital (MICCOLI & FERREIRA, 2012).

O trabalho de Ferreira (2012) inspirou-me a realizar a investigação proposta no presente artigo. Isso se assomou ao fato de eu mesma ter sido aluna de um curso a distância na referida universidade. Foi minha segunda graduação, porém se tratou de minha primeira experiência com a aprendizagem *online*, assim como para a grande maioria de meus colegas. Acredito ser de suma importância o conhecimento do ponto de vista desses alunos, na medida em que, a graduação a distância é recente, principalmente, em Universidades Federais no Brasil e ainda parece ser cerne de muitas críticas e desconhecimento, inclusive por parte da comunidade acadêmica.

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Moran (2002) define a Educação a distância (doravante EaD) como o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias (internet, rádio, TV, correio, fax, telefone...) em que professor e aluno não estão espacialmente juntos, o que a diferencia da educação presencial. O modelo predominante no Brasil, segundo o autor, é o oferecimento de cursos a distância, mas com encontros presenciais. A universidade em que os participantes do nosso estudo estão matriculados segue esse modelo, como previsto pelo Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005).

Costa & Faria (2008) definem a EaD, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) como “uma forma de ensino que possibilita a auto aprendizagem, como a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (p.2). Mill (2012) acrescenta ainda que a EaD é o "ensino-aprendizagem desenvolvido pelo uso intenso das TDIC - uma variação organizacional de educação com tempos e espaços fluidos, mais flexíveis e abertos" (p.22).

Resumidamente, os conceitos anteriores asseveram algumas características primordiais da EaD: a mediação por tecnologias; a distância física entre professor e aluno; diferentes suportes de informação (fóruns; *chats*; videoconferência, entre outros); a autonomia do aluno, gerenciando seu tempo de estudo e o conteúdo a ser estudado; a comunicação, que é bidirecional e o apoio de tutores, não só dos professores. Inclusive, na Universidade Federal de Lavras, o contato com os tutores é frequente, podendo-se dizer diário, o que não acontece em relação ao contato aluno-professor. O professor está “presente” através de videoconferência somente no primeiro dia de aula de cada disciplina. Os alunos conheceram, de fato, quatro professores em um encontro presencial, o único até então realizado, na universidade em que estudam.

A Universidade Federal de Lavras foi uma das primeiras do Brasil a implantar cursos superiores à distância, segundo dados do MEC (BRASIL, 2005). A história da EaD na instituição teve início em 1987, com a oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu* na área de Agricultura. Já o curso Letras-inglês passou a ser ofertado a partir de 2011 na modalidade à distância. Nossos participantes fazem parte da segunda turma EaD, cujo curso iniciou-se em 2012.

2. AS EXPERIÊNCIAS

A experiência, aqui, segue a definição de Miccoli (2010) que a caracteriza a partir do prisma processual

por ter a ver com relações, dinâmicas e circunstâncias vividas em um meio particular de interações na sala de aula, a qual, ao ser narrada deixa de ser um acontecimento isolado ou do acaso. O processo reflexivo da narrativa oferece a oportunidade de ampliar o sentido dessa experiência e de definir ações para mudar e transformar seu sentido original bem como aquele que a vivenciou (p. 29).

Compreender as experiências como processos torna-se primaz para a pesquisa já que elas são consideradas em relação com as dimensões socioculturais e emocionais do indivíduo. Além disso, “por serem processo, abrem a possibilidade de mudança e transformação não

apenas de quem relata, mas também, daquilo que é relatado. Elas podem (...) deixar de representar o gatilho para a mudança, caso não sejam acompanhadas de reflexões conscientes” (MICCOLI, 2010, p.29).

Uma vez que as experiências são objeto de reflexão, elas auxiliam o professor a conhecer melhor o processo de ensinar, de mediar, de orientar..., bem como oferecem a oportunidade dos estudantes conhecerem mais profundamente o processo de ensino aprendizagem. Miccoli (2010) acrescenta que o conteúdo das experiências pode ser explorado a partir de perguntas simples como, por exemplo: “A que outros eventos uma experiência é associada? Há ligação com outras experiências, quais? Há similaridade entre experiências relatadas por pessoas diferentes? Há diferenças? Quais são elas?” (Ibid., p. 30).

Para o pesquisador ter acesso às experiências dos sujeitos ele lança mão de narrativas; diários; entrevistas; fotografias; desenhos; autobiografias, entre outros instrumentos (MICCOLI, 2010). O estudo das experiências tem revelado questões recorrentes e específicas de sala de aula corroborando a concepção de que “são historicamente situadas e se entrelaçam com as experiências pessoais de outros indivíduos” (Ibid., p. 30) indo além do âmbito individual. “Fazem parte de uma rede maior de acontecimentos que se inter-relacionam” (Ibid., p. 141).

Miccoli (2010) categoriza as experiências, de modo geral, em diretas e indiretas, coletivas e individuais. As experiências diretas são as que advêm do contexto de sala de aula. Já as indiretas não pertencem a esse contexto, mas o influenciam. As experiências individuais, como o próprio nome já indica, relacionam-se ao indivíduo e as coletivas são comuns a um grupo.

Em relação à categorização das experiências de estudantes, as experiências diretas referem-se às experiências cognitivas (contempla as percepções do aluno originadas em sala de aula em relação ao processo de aprendizagem em termos cognitivos); às experiências sociais (contemplam experiências originadas na sala de aula, mas que abrangem o domínio social); às experiências afetivas (referem-se a sentimentos e são originadas na sala de aula) (MICCOLI, 2010). As indiretas se referem, por sua vez, às experiências contextuais (tratam do meio em que a aprendizagem ocorre); às pessoais; às conceituais (expressam crenças, conceitos e concepções) e às futuras (expressam intenções, vontades, necessidades e desejos). Cada uma dessas categorias possui subcategorias.

Como nosso estudo se refere a um curso a distância, utilizo o *framework* ampliado para a categorização da aprendizagem em contexto digital de Miccoli & Ferreira (2012). Há uma mudança em algumas subcategorias a fim de que elas abarquem o contexto digital de uma maneira mais específica¹.

Ferreira (2012) adapta as categorias já existentes ao contexto digital e cria duas subcategorias, são elas: “a) *Contextual 5: Experiências na interação com o ambiente virtual* e b) *Conceptual 5: Concepções sobre a tecnologia digital*” (p. 53, itálico da autora). Em relação à subcategoria Con. 5, os relatos referem-se ao “(1) ambiente virtual; (2) ferramentas de coordenação pessoal do curso (...); (3) espaços de comunicação síncrona e assíncrona (...); (4) espaços de colaboração (...); (5) ferramentas de administração pessoal do curso” (Ibid., p. 54).

¹ O *framework* ampliado para a categorização da aprendizagem em contexto digital pode ser encontrado em Miccoli & Ferreira (2012). Vide referências.

A Cpt. 5 refere-se às “(1) vantagens e desvantagens do uso da tecnologia para a aprendizagem; (2) a importância de desenvolver a competência tecnológica; (3) o uso de ferramentas específicas; (4) os participantes de um curso on-line” (FERREIRA, 2012, p. 54).

Ferreira (2012) renomeou a subcategoria Cog. 6 (Experiências paralelas) como “*Experiências extra-ambiente virtual de aprendizagem* por não haver experiências paralelas à sala de aula no contexto on-line” (p. 54, itálico da autora). A subcategoria Pes. 2 passou a ser chamada de “*Experiências de aprendizagem anteriores* para que haja uma distinção clara da subcategoria Pes. 3 *Experiências na vida pessoal*” (p. 54, itálico da autora).

3. RESULTADOS

As narrativas produzidas através da pergunta “Quais são as experiências positivas e negativas em relação ao seu curso de Letras-inglês? (frustrações; aprendizagem; dificuldades; sucessos; sentimentos; perspectivas atuais; perspectivas futuras; motivação...)” foram agrupadas e divididas em excertos, cuja natureza foi classificada de acordo com o *framework* de experiências de Miccoli e Ferreira (2012).

Os dados indicam que as experiências vivenciadas pelos estudantes de um curso de Letras-inglês na modalidade EaD se divide em experiências diretas (58,8%) e indiretas (41,2%). Em relação às categorias temos: experiências afetivas (36,8%); cognitivas (17,3%); pessoais e conceituais (12,6%); contextuais e futuras (8%) e sociais (4,7%).

Foi feita a opção pela análise das experiências afetivas por restrições de espaço e tempo, contudo, acredito que esta pesquisa apresenta um recorte do que as narrativas trazem, possibilitando a análise das outras categorias, assim como um trabalho mais amplo no futuro. A pesquisa é limitada, novamente, por questões de tempo e espaço, uma vez que se resumiu a uma única fonte de coleta de dados, a narrativa decorrente da resposta a uma pergunta. O ideal seria utilizar formas diversas de coleta: questionários, entrevistas e observação das práticas pedagógicas. Desta forma seria possível fazer uma triangulação metodológica, ou seja, a utilização de vários métodos de estudo de um problema e obter um universo mais abrangente e profundo do aspecto investigado.

A validade deste estudo, no entanto, consiste em focar as experiências de estudantes no contexto digital, já que a área carece destes estudos, visto que a graduação na modalidade EaD é uma realidade crescente no Brasil. O estudo traz também algumas informações sobre as experiências de alunos de EaD em relação ao seu curso, à língua inglesa, a eles mesmos, ao processo de ensino-aprendizagem, da profissionalização do ponto de vista afetivo, revelando a predominância de aspectos positivos. Além disso, “as experiências são uma porta de entrada para a mudança” (MICCOLI, 2010, p. 31) já que a partir delas podemos tomar conhecimento de muitos aspectos do contexto estudado, assim como auxiliar os participantes a refletirem sobre sua fala e a realizarem suas próprias mudanças².

O maior número de experiências afetivas positivas indica que os estudantes têm boas experiências em seu curso de Letras-inglês na modalidade EaD. Em relação à experiência de sentimentos, os participantes relatam gostar da língua inglesa, ter prazer em estudar. Sobre a

² Um *feedback* foi dado a cada participante dessa pesquisa a fim de que o momento de reflexão fosse proporcionado não só durante a resposta à pergunta.

motivação, interesse e esforço, são alunos motivados e que não desistem ante a primeira dificuldade.

É interessante notarmos que durante seus relatos aparecem o cansaço, a vontade de desistir, o medo, mas mesmo assim, o interesse em seguir em frente é maior. Os participantes utilizam várias estratégias para se manterem motivados: seja por já saberem a língua inglesa ou mesmo trabalharem com ela, e, no curso, terem a oportunidade de aprender mais; seja por se basearem na concepção que têm deles mesmos de que são determinados e por isso não desistem; seja pela vontade de trabalhar como professor da língua; seja pela vontade de se transformar, não só em nível de conhecimento, mas também a nível pessoal; seja por fazer do curso a realização de um sonho acalentado há tempos e tornado palpável através do curso na modalidade EaD.

Outro dado interessante é a questão da formação global que os participantes relatam que o curso oferece e que fazem parte das experiências de autoestima e atitudes pessoais. EGG acredita que a grade curricular é interessante e engloba os conhecimentos necessários a um profissional da área. Amanda³ pontua que o curso mudou sua maneira de ver e entender o mundo de uma maneira inesperada. Assim como Todd, que alega que o curso será uma oportunidade de transformação a nível identitário. Ele espera se modificar e ampliar sua forma de conceber o mundo. Magga acredita que o curso a beneficia de modo a “manter a cabeça ocupada” já que ela é aposentada e não pretende exercer a profissão de professora. Sua motivação reside em um curso de inglês *online* possibilitado por seu ingresso na Universidade.

Apesar de terem sido documentados em menor número, os sentimentos negativos apareceram nas narrativas. Os participantes relataram a insatisfação ante a situação do professor no Brasil; o medo em não conseguir concluir o curso, ou mesmo, não conseguir ingressar no mercado de trabalho como professor; a insatisfação em relação à distância entre os participantes do curso e à disponibilização de material didático; assim como, o alto investimento que o curso exige, demandando tempo e habilidades até então, desconhecidas por muitos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, aponto que as experiências de aprendizagem no contexto da EaD podem ser de natureza direta, podendo ser afetiva, cognitiva ou social, e de natureza indireta, sendo essa pessoal, conceptual, contextual ou futura. As experiências diretas e indiretas se sobrepõem em determinados momentos.

As experiências afetivas, de natureza direta, analisadas em nosso estudo, demonstram que apesar das dificuldades, do medo, da falta de tempo e do reconhecimento de falhas no curso, há uma grande motivação por parte dos alunos em dar continuidade a ele e se tornarem profissionais da área ou mesmo ser tornarem melhor na profissão que já exercem na área de língua inglesa.

A análise aponta também para um curso preocupado com a formação global do cidadão, ou seja, para além do linguístico. Fica evidente também que a modalidade EaD trouxe a possibilidade de realização de um sonho para dois participantes; a possibilidade de

³ Os alunos escolheram os nomes fictícios aqui utilizados.

utilizar os conhecimentos já adquiridos em um curso superior, ou mesmo, a possibilidade de aprender inglês.

Em suma, ainda são necessários maiores estudos em relação à experiência no contexto da EaD, já que esse modo de se estudar cresce muito em nosso país. Acredito que o curso na modalidade EaD é muito válido por sua proposta em quebrar barreiras geográficas, em facilitar o acesso ao curso superior gratuito e de qualidade. Como já mencionado anteriormente, nas cidades em que os participantes habitam não há universidades e nas proximidades só há universidades particulares. Na medida em que quatro de nossos cinco participantes trabalham e estudam, os horários flexíveis, os encontros presenciais esporádicos, a independência dos estudos e a gratuidade do curso contribuem em muito para que os eles permaneçam nele e se motivem a seguir em frente. Há também falhas a serem corrigidas, como as aqui apontadas: difícil acesso a materiais de apoio (que não seja o guia de estudos); pouco treinamento em relação às habilidades requeridas do aluno para pesquisa, manejo de seu próprio tempo, entre outros.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. C. *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BAMBIRRA, M. R. A. *Desenvolvendo a autonomia pelas trilhas da motivação, autoestima identidade: uma experiência reflexiva*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BRASIL. *Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005*. 2005. Acesso em: 14 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

COSTA, K. S. & FARIA, G. G. *EaD – sua origem histórica, evolução e Atualidade brasileira face ao paradigma da educação presencial*. 2008. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927am.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

FERREIRA, D. E. D. *Experiências de aprendizagem no contexto on-line: Narrativas de estudantes do Projeto Ingrede*. 2012. Acesso em: 12 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/index.php/teses-dissertacoes/dissertacoes-defendidas>>.

LIMA, C. V. A. *Experiências de indisciplina e aprendizagem: um estudo de caso em uma turma de um curso livre de inglês*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MICCOLI, L. *Learning English as a foreign language in Brazil: a joint investigation of learners' experiences in a university classroom*. 1997. 279f. Doctoral (Dissertation) – Graduate Department of Education, University of Toronto, Toronto, 1997.

MICCOLI, L. S. *Ensino e Aprendizagem de inglês: Experiências, desafios e possibilidades*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

MICCOLI, L. S. & FERREIRA, D. E. D. *Framework* de experiências de aprendizagem no contexto on-line. In: *Experiências de aprendizagem no contexto on-line: Narrativas de estudantes do Projeto Ingrede*. 2012. Acesso em: 12 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.poslin.lettras.ufmg.br/index.php/teses-dissertacoes/dissertacoes-defendidas>. p. 55-56>.

MILL, D. *Docência Virtual: uma visão crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, J. *O que é educação a distância?* Acesso em: 14 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>>.

PORTO, C. V. *Percepções de professores de Letras/Inglês sobre avaliação da aprendizagem: um estudo de caso*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.